

FESTEJAR, VESTIR-SE E NAMORAR: UMA HISTÓRIA DAS MULHERES EM CABACEIRAS NAS DÉCADAS DE 1930 E 1940 A PARTIR DOS RELATOS ORAIS DE MEMÓRIA

Paula Faustino Sampaio
Mestranda do PPGH – UFPE
E-mail: paulafaustinosampaio@yahoo.com.br

RESUMO: Neste artigo, apresentamos a produção de documentos a partir de relatos orais de memória de um conjunto de mulheres da cidade de Cabaceiras-PB, mostrando possibilidades de trabalhar com esta documentação para construir uma história, sob a perspectiva da história sócio-cultural, de como algumas mulheres vivenciaram, nas décadas de 1930 e 1940, diferentes aspectos e momentos de suas vidas cotidianas, tais como: as participações em festas, as modas e os namoros.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Relatos orais de memória. História.

TO CELEBRATE, TO DRESS, TO MAKE LOVE TO: ONE WOMENS OF HISTORY IN CABACEIRAS IN THE 1930S AND 1940S WITH ORAL HISTORY

ABSTRACT: This article intends to present some possibilities of working with oral history of memory make kind of document by the perspective of social-cultural history, of how these womens lided these different aspects and moments, of their life such as: their participation in parties, the mode and the dating, in the 1930s and 1940s.

KEYWORDS: Womens. Oral fountain. History.

Eu Sonhei que Tu Estavas tão Linda.
(Carlos Galhardo).

*Eu sonhei que tu estavas tão linda
Numa festa de raro esplendor
Teu vestido de baile lembro ainda
Era branco, todo branco, meu amor.
A orquestra tocou uma valsa dolente
Tomei-te aos braços, fomos dançando
Ambos silentes,
E os pares que rodeavam entre nós
Diziam coisas, trocavam juras
A meia voz.
Violinos enchem o ar de emoções*

DE MEMÓRIA

Paula Faustino Sampaio

*E de desejos uma centena de corações.
Pra despertar teu ciúme
Tentei flertar alguém,
Mas tu não flertaste ninguém,
Olhavas só para mim.
Vitórias de amor cantei,
Mas foi tudo um sonho, acordei.*

Festejar, vestir-se e namorar surge de forma interligado na canção de que serve de epígrafe a este texto. Carlos Galhardo cantou um sonho de amor em um baile; descreveu o vestido, a orquestra, a valsa, a dança, os demais casais, as conversas, as tentativas de flerte, a provocação de ciúmes, as emoções, os cheiros, todos componente deste sonho/canção. E de diferentes maneiras, trinta e seis mulheres com idade superior a setenta anos, moradoras da cidade de Cabaceiras, PB, também contaram sobre estes aspectos. A partir de nossas indagações, com suas formas de ver, sentir, vivenciar e narrar elas nos contaram entre risos, cochichos, olhares e silêncios, aspectos e momentos de suas vidas, nos permitindo, construir uma documentação com os relatos orais de memória e transformar desses assuntos amplamente cantados e lembrados, objeto de estudo da história das mulheres, sob enfoque sócio-cultural.

Este objeto de estudo está intimamente ligado a minha vida. Desde a infância escuto histórias de vida de minhas avós, de minhas tias-avós, de minha mãe e de outras mulheres moradoras de Cabaceiras, PB. Nestas histórias, gostava e gosto de ouvir narrativas de festas, de roupas, de namoros, de sexualidade entre outros. Os anos passaram e eu ingressei no Curso de História da Universidade Federal de Campina Grande-PB. Foi no curso, com o incentivo dos professores para que estudássemos aspectos das nossas cidades no século XX, que transformamos em objeto de estudo¹ as vivências de algumas mulheres de Cabaceiras e passamos a entrevistar as mais antigas moradoras da cidade, pois, naquele momento, entre os anos de 2002 e 2003, queria escrever uma história da juventude destas mulheres; colocar no papel narrativas orais, as quais me fascinavam e me faziam perguntar: quais e como foram as vivências destas mulheres na primeira metade do século XX e de que forma rompiam ou não com os valores e modelos comportamentais vigente naquela sociedade.

Com estes desejos e inquietações, na aprendizagem do ofício de historiadora, passamos a fazer entrevistas semi-estruturadas sobre diversos aspectos e momentos da suas

¹ Na elaboração de um objeto de estudo não estamos sós. Neste sentido, os colegas de estudos e os professores Dr. Antonio Clarindo B. de Souza e Dr. Fabio Gutemberg R. B. de Sousa foram muito importantes.

vidas, tendo como ponto de partida a história de vida. No começo de todas as entrevistadas formulamos perguntas sobre a infância, destacando algumas questões hoje tidas importantes ou problemáticas na vivência deste momento, tais como: brincadeiras, estudos, tarefas. Em seguida, tratando da adolescência, enfocamos namoro, sexualidade, festas, relações com os pais, trabalho, músicas, poemas e sobre a vida adulta perguntamos sobre casamento, filhos, relação conjugal². Deste modo, entrevistamos trinta e seis entrevistadas, com idade entre sessenta (60) e noventa e um (91) anos, das quais trinta casaram e seis não casaram. Elas exerceram diferentes profissões: seis ex-professoras, seis ex-funcionárias pública do Estado e da Prefeitura de Cabaceiras, uma ex-comerciante e vinte e três donas de casa, mas que também trabalhavam na agricultura, na criação de caprinos, ovinos, porcos, galinhas e na costura e fiação de algodão. Do total, vinte e cinco moraram no núcleo rural e onze no núcleo urbano.³

A utilização dos relatos orais de memória no campo da História das Mulheres vem desde os anos 1970 quando, segundo a historiadora Michele Perrot (1998), o problema espinhoso da falta de fontes começou a ser superado. Desde aquele momento, fontes orais, revistas, jornais, processos criminais, cartas, autobiografias, cartões postais, fotografias, diários, entre outras, foram alçadas ao *status* de fontes para estudar historicamente a vida das mulheres. Com essa intenção, ainda segundo Perrot (1998), e apostando na longevidade das mulheres historiadoras francesas fizeram inúmeras interrogações sobre a obscuridade da vida das mulheres, acumularam dados, instituíram lugares de memória e utilizaram-se dos testemunhos orais na falta dos escritos, especialmente remetendo-se ao início do século XX e aos períodos entre as guerras mundiais.

No Brasil, o estudo da psicóloga social Ecléa Bosi é um dos primeiros trabalhos sobre a relação memória e sociedade, escrito ainda na década de 1970,⁴ que nos mostra a riqueza dos relatos orais de memória para falar sobre vivências femininas, entre outros temas. A autora analisa estudiosos da memória como Henri Bérghson, Maurice Halbwachas, Frederic Barlett, Mais do que isto, ela registra e analisa memórias de oito idosos (as) trabalhadores (as) com idade superior a setenta anos e moradoras da cidade de São Paulo, interessada em perceber o

² Para Danièle Voldman, de acordo com as necessidades de cada pesquisa é que as perguntas são formuladas. Cf.: VOLDMAN, D. Definições e usos. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Orgs.) *Usos e abusos da história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 36

³ Ao longo deste texto o leitor encontrar o nome de algumas destas mulheres. Optamos por utilizar os nomes das entrevistadas, uma vez que temos autorização delas para tal.

⁴ Cf. BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1987.

que foi lembrado e em compreender como essas pessoas se viam e se relacionavam na e com a cidade de São Paulo e como acontecimentos familiares, políticos, econômicos, culturais das primeiras décadas do século XX deixaram marcas nas memórias destas pessoas.

Recentemente, a antropóloga Adriana Piscitelli (1993) tratando das particularidades do trabalho sexuado da memória, mostra algumas perspectivas atuais sobre a memória feminina, na relação entre história das mulheres e história oral. Uma destas concepções entende que as lembranças das mulheres relacionam-se com o domínio da família, do privado e do doméstico; outra concepção afirma que as referências temporais da memória feminina associam-se aos ciclos familiares; e por fim, a perspectiva que pensa as lembranças femininas enquanto lugar de preservação de temas integrados ao domínio afetivo e individual. Esta antropóloga, por sua vez, lança mão simultaneamente de tradições orais e histórias de vida, explorando suas possibilidades no estudo sobre as construções de gênero. As histórias de vida dão um lugar privilegiado às experiências vividas e possibilitam a integração de percepções individuais e questões “universais de relações humanas” por meio das articulações temporais.

Fora do campo da História das Mulheres, desde os anos 1990 alguns historiadores, passaram a utilizar fontes orais e discutir a produção de documentos e as especificidades e potencialidades desta fonte. Sobre este último aspecto, o historiador Antonio Torres Montenegro, entende “que marcas das diversas histórias fossem lembrados/narrados” (MONTENEGRO: 1994: p. 15) e a partir destas marcas e conteúdos que surgem de formas diversas nos documentos, sendo possível construir uma narrativa histórica, perguntando quais histórias as pessoas têm, de forma consciente, guardadas em sua memória.

Tendo em vista a potencialidade dos relatos orais de memória no fazer da história, especificamente na construção e utilização da documentação, como sugere o historiador Michel de Certeau (2002), pensamos, após transformar em documentos lembranças e recordações, efetivar um deslocamento e mudar de lugar e de *status* os relatos orais, que eram contados apenas no âmbito familiar e comunitário, ser possível construir uma história das mulheres em Cabaceiras nas décadas de 1930 e 1940, enfocando comportamentos, sociabilidades, relacionamentos, valores de mulheres, tentando perceber algumas táticas destas mulheres de burlar valores e modelos comportamentais na sociedade cabaceirense nos anos 1930 e 1940.

Paula Faustino Sampaio

DAS FESTAS HÁ MUITAS COISAS

“Das festas há muitas coisas. Ah! Carnaval pra mim eram três dias de alegria, de momentos de alegria”⁵. Foi assim que Severina dos Santos, 82 anos, solteira, ex-professora, moradora do núcleo rural, após nossa pergunta sobre festas, começou a nos contar suas vivências. Por sua vez, Hermínia, 77 anos, casada, ex-tesoureira da Prefeitura da Cabaceiras, moradora do núcleo urbano, após a indagação sobre bailes, nos falou:

Tinha, dançava muito. (...) Os bailes elegantes eram na Prefeitura. Aqueles bailes bem elegantes, com aquele povo com vestido longo. Nesse tempo eu só fazia olhar, que eu era muito jovem, muito criança, num tinha instinto assim de chegar nas festas. Mas quando eu me entendi de gente ai eu dançava. (...) Os bailes grã-fino vinha orquestra de Campina tocar...⁶

E a Lourdes Correia, 78 anos, casada, ex-professora, moradora do núcleo urbano, perguntamos sobre as festas, e ela nos falou:

E a festa de Reis era boa demais. Além de ter as três noites de novena tinha a missa e a procissão e no dia sete que era bom pro pife andar nas casas. Pífano que a gente. Andar nas casas dançando e bebendo e namorando. (...) Muito escondido de pai e se Inácio visse quando chegasse em casa à pisa era na certa. Que ele ia fuxicar a pai. Mais era bom, bom mesmo. Festa de Reis falada mesmo boa dentro de Cabaceiras eu passei. Muito, muita festa boa.⁷

A partir da mesma pergunta Severina e Lourdes contaram sobre duas festividades diferentes: o Carnaval e a Festa de Reis. Já a Herminia perguntamos sobre bailes e ela contou sobre os bailes no prédio da Prefeitura, geralmente por ocasião da Festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição em 8 de dezembro, Natal e Ano Novo. Elas selecionaram nas suas memórias momentos diferentes, mas tendo em comum o assunto, festa; organizaram suas lembranças tendo como ponto de partida uma pergunta e construíram uma narrativa dando significado próprio a um momento de suas vidas. Mesmo o(a) pesquisador(a) guiado por seus próprios objetivos está sujeito aos interesses do narrador, que, por sua vez, transmite sua experiência da forma que lhe convém. Dos muitos aspectos do ato de festejar, Severina

⁵ Entrevista n° 7 com Severina dos Santos concedida à autora dia 10 de maio de 2003.

⁶ Entrevista n° 5 com Hermínia de Almeida Castro concedida à autora dia 17 de maio de 2003.

⁷ Entrevista n°4 com Maria de Lourdes Correia concedida à autora no dia 08 de abril de 2003.

Paula Faustino Sampaio

destacou o Carnaval e acentuou suas emoções e sensações naquela festa, assim, falou de si; Hermínia escolheu contar sobre dança e modo de vestir-se elegantemente, deste modo, contou suas impressões e destacou o seu lugar de menina numa festa e Lourdes relacionou sagrado e profano, mostrando como se inseria mesmo a contragosto do irmão e do pai naquela festa, tratou de suas relações familiares e de sua sociabilidade.

Foi basicamente em torno da questão sobre festa que essas mulheres concentram seus relatos. O sociólogo Maurice Halbwachs (1990) aponta dois tipos de relatos descritivos nos quais há duas formas de participação do indivíduo e dois tipos de memória. No primeiro tipo de relato, interessa ao indivíduo apenas alguns aspectos referentes a si mesmo; no segundo tipo, interessa as lembranças que têm lugar na vida pessoal enquanto membro do grupo. Nestas diferentes formas de selecionar e contar, encontramos fios com os quais podemos tecer uma história das sociabilidades de algumas mulheres em Cabaceiras nos idos de trinta e quarenta do século XX.

Ainda sobre a riqueza dos relatos orais de memória, a Cientista Social Maria Isaura P. de Queiroz (1997) afirma que os comportamentos e valores podem ser percebidos nos relatos de memória dos mais velhos, ressaltando que a “narrativa de cada acontecimento é diversa ou conforme cada indivíduo se encontrasse numa ou noutra situação, ou de acordo com a sensibilidade e a experiência passada de cada um.” (QUEIROZ: 1997: p. 90).

Além de explorar sobre memória e formas de narrar, os fragmentos de relatos orais de memória nos permite perguntar e pensar sobre quais valores e modelos comportamentais vigentes tidos como corretos para uma moça nas décadas de 1930 e 1940 no Brasil, época na qual Severina, Lourdes e Hermínia viveram a passagem da infância para a juventude. Naquelas décadas no Brasil, vivia-se um momento de mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais, onde se discutia nos jornais, nas revistas, nos tribunais, nas conversas informais, etc. as mudanças na aparência das cidades, no comportamento feminino e a ampliação das opções de lazer.

As historiadoras Mariana Maluf e Maria Lúcia Mott (1998) analisando os discursos ideológicos presentes nos jornais, revistas, crônicas, etc. sobre as mudanças de comportamento feminino nas primeiras décadas do século XX que inquietaram conservadores e progressistas diante da emergência das mulheres das camadas altas e médias sem acompanhantes nas ruas da cidade de São Paulo, afirmam que várias mudanças atravessavam as vidas das mulheres nas cidades grandes, como: a entrada delas no mercado de trabalho,

especialmente, nas indústrias e no comércio e nos estabelecimentos de ensino primário; a criação de novos espaços de sociabilidades femininas e o maior investimento discursivo sobre o papel feminino na família, entre outras coisas. De modo geral, no Brasil nas décadas de 1930 e 1940 passava-se por um processo de industrialização e discutia-se sobre como fazer do Brasil um país “civilizado”. No entanto, afirmam estas historiadoras,

“os padrões de comportamento burgueses, a modernidade e o consumo foram absorvidos de forma desigual pelas diferentes regiões e cidades e pelas diferentes camadas da população. Grande parte dos pais permaneceu fiel à agricultura. (...). A Industrialização, por seu lado, embora tenha deslocado progressivamente a produção para fora do domicílio, não destruiu de uma só vez as formas tradicionais de produção e sobrevivência.” (MALUF e MOTT: 1998: p. 400)

Esta compreensão nos facultava pensar sobre como nas cidades pequenas na grande extensão rural brasileira nessa mesma época algumas mulheres, a exemplo de Severina, Herminia e Lourdes, vivenciaram festas e sociabilidade e quais valores e normas eram prescritos para o comportamento feminino.

Os bailes na Prefeitura, o Carnaval, a Festa de Reis eram momentos de festas em Cabaceiras. Para a historiadora Maria Cristina Cortez Wissenbach (1998), analisando a cultura da sociedade rural em sua mobilidade e fluidez, destacando a construção de sentidos, assevera que “num viver relativamente disperso em grandes extensões territoriais as relações de vizinhança, os mutirões, as festas religiosas, os dias de guarda marcam a sociabilidade do mundo rural.” (WISSENBACH: 1998: p. 77). Além disso, para esta historiadora, o calendário de festividade do mundo rural no final do século XIX e começo do século XX estava marcado por duas temporalidades; uma relacionada às estações do ano e outra às comemorações do catolicismo.

Tendo em vista as ponderações de Wissenbach (1998), entendemos que em Cabaceiras-PB as festividades religiosas marcaram de modo diverso a vida destas mulheres. São marcas fortes da memória dos tempos de juventude Severina, Hermínia e Lourdes. Além do que, esta relação entre o calendário religioso e o calendário festivo é um traço daquela sociedade rural que estava, pelo menos no que diz respeito ao ato de festejar, muito mais relacionada aos valores religiosos do Catolicismo do que aos valores burgueses com ares de modernidade que diziam sobre frequentar teatro, cinema, cafés, passear pelas avenidas ruas reformadas, entre outros hábitos. Só que, de modo geral, os discursos jurídico-higienista não

Paula Faustino Sampaio

se distanciavam dos valores católicos quanto ao lugar e a função da mulher na sociedade. Ambos os discursos entendiam o lar como espaço da mulher, função ideal manter a harmonia do lar e gerar filhos sadios para a nação e cristãos para a Igreja Católica. Assim, há uma convivência de valores jurídicos e higiênicos e cristãos em torno da honra, da moral da mulher e da família.

Há mais um aspecto, especificamente no trecho do relato de Lourdes, que nos faz pensar sobre prescrições e rompimento ou não de regras no ato de festejar o Carnaval, a Festa de Reis ou os bailes na Prefeitura. Segundo a historiadora Eni Samara de Mesquita (1997), desde os anos 1980 nos estudos históricos sobre as mulheres nos anos 80, há uma preocupação em mostrar a distância entre normas e práticas sociais, estabelecendo as diferenças de comportamento e estratégia entre as mulheres, contrapondo, rompendo com a visão estereotipada sobre a condição feminina no passado e mostrando que nem sempre as mulheres se adequaram aos papéis prescritos. No âmbito destes estudos, vários historiadores mostram padrões de comportamento feminino.

Segundo o estudo das historiadoras Maluf e Mott (1998), citado anteriormente, no âmbito das discussões da primeira metade do século XX, as moças deveriam ser instruídas sobre seu papel na manutenção da ordem social. Toda moral em torno da relação de homem e mulher estava contemplada no Código Civil de 1916 que, entre outras atribuições, determinava as obrigações dos cônjuges e o comportamento cordato da mulher. Para o Código Civil de 1916, a mulher deveria respeitar a moral vigente, “os bons costumes” e submeter-se ao homem. No âmbito jurídico, o ideal de mulher estava baseado no tripé esposa-mãe-dona-de-casa e o padrão de comportamento exigia das mulheres recato, contenção e discrição.

Para a historiadora Marta Abreu Esteves (1989), analisando o discurso do aparelho jurídico na década de 1910 em contraponto aos discursos dos populares envolvidos em processos crimes de defloração no Rio de Janeiro, este padrão de comportamento imposto pelo saber jurídico e, também, pelo saber médico, visava a disciplinar e civilizar conforme os moldes burgueses.

Estes trabalhos analisam discursos sobre comportamentos femininos, mudanças na sociedade, tendo em vista a modernização, e ressaltam algumas experiências femininas nas cidades grandes como São Paulo e Rio de Janeiro. Tendo em vista as diferenças entre o viver nestas cidades urbanizadas e o viver no mundo rural de Cabaceiras podemos afirmar que o padrão de comportamento feminino em Cabaceiras se aproxima do ideal de recato, contenção

e discrição, que nos estudos citados, é um ideal jurídico, médico e higienista. Em Cabaceiras, até onde permite afirmar os nossos documentos o padrão de comportamento para as mulheres se aproxima do pensamento da Igreja Católica, que tem em Maria o modelo ideal, virgem pura, imaculada e obediente. E considerando que em Cabaceiras havia uma relação entre festa e religião é possível pensar que de alguma forma o modelo de comportamento da Igreja Católica inspirasse a formulação de prescrições para o modo de agir feminino, uma vez em que desde a infância as orações eram práticas importantes. Hermínia, após um dia de brincadeiras de bonecas, às dezoito horas, antes de dormir, rezava *o Santo Anjo do Senhor e o Anjo da Guarda*. Desde a infância sua mãe tentou lhe transmitir no âmbito doméstica princípios e práticas da Religião Católica, e uma das práticas era a oração antes de dormir. Já Lourdes aprendeu umas *rezinhas* suficientes para as orações domésticas, pois passava maior parte do dia brincando.

Se valores e comportamentos femininos em Cabaceiras eram prescritos pelo Catolicismo, como sugerimos Lourdes não os seguiu. Rompendo com a regra de recato, obediência, discrição, sem a permissão do pai e do irmão mais velho Inácio, Lourdes saiu nas poucas ruas da cidade atrás dos tocadores de pífanos dançando, namorando e bebendo. Mesmo correndo o risco de ser castigada, ela não deixou de se divertir sob olhares uns vigilantes, outros enamorados e alguns curiosos dos(as) cabaceirenses. Em função da sua relação com o pai e o irmão mais velho, que ocupavam lugares de autoridade, de mando, de vigilância da honra e moral na família, Lourdes rompeu por ocasião da Festa de Reis com cerceamento imposto a ela pelo pai e irmão. Ela rompeu com a regra de recato, de obediência e discrição. Numa atitude tátil⁸, na qual *usou* aquilo que não lhe era próprio para conseguir o que desejava, uma jovem burlou pelo menos duas regras, a saber, a de não ir para festas desacompanha de familiar e a de não beber. Tudo isso nos ajuda a pensar que nem sempre uma jovem nas suas práticas obedeceu ao modelo de moça-mulher, passivo frágil, cordato e discreto.

De modo relacional, Lourdes construiu para si um perfil de comportamento feminino que de forma sutil rompe com o ideal defendido pela sociedade de sua época de juventude. Na sua relação com o pai e com o irmão, Lourdes criou uma fissura que lhe permitiu viver de

⁸ Por tática nos aproximamos do entendimento de Certeau. Para ele, “tática é a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio”. Op. cit. p.100.

forma diversa a Festa de Reis. Além desta quebra de regras, quais outros rompimentos do modelo ideal de comportamento feminino podemos perceber em uma festa?

Só para ficarmos em uma forma de *usar* as regras para tirar benefícios vamos acompanhar o que nos contou Antonia, 85 anos, casada, dona de casa, moradora do núcleo urbano, após a pergunta sobre os parceiros de dança:

Agora, eu como era danada... Eu namorava Carlindo Pombo e ele não sabia dançar; ele dançava muito ruim. [riso]. Aí ele vinha... Dizia: vamos dançar? Eu tinha inveja que tinha Inácio Nunes, Zé de Deusdeth, tinha Severino irmão de Zé de Senhor, Severino Senhor, que já sabiam. Eu dizia: olha... Quando eu apontava para eles... Olhe eu digo que já tenho cavalheiro. Aí ele vinha me dizia: vamos dançar agora? Não, porque não falasse^{sic} antes, mais cedo, eu já tenho cavaleiro e não pode ser cortado.

A regra era que não podia dizer não ou “cortar” um rapaz no momento da dança, com outras palavras, em uma festa uma moça não poderia dizer não a um rapaz que a “convidasse” para dançar. No entanto, a jovem Antônia ao participar dos bailes na Prefeitura precisou usar essa regra a seu favor. Em uma *ação sub-reptícia* ela, sutilmente, “corta” Carlindo ao dizer que outro rapaz, que podia ser Inácio, Zé de Deusdeth ou Severino de Senhor, já havia convidado para dançar. Por não dançar muito bem e, talvez, por ela estar interessada em dançar com outro rapaz, Carlindo não conseguiu dançar naquele baile com Antonia, esta por sua vez *criou* oportunidade de dançar com outro rapaz, criou uma forma para escolher com quem dançar, mas sem provocar transtorno para si e para os demais.

O historiador Michel de Certeau (1994), distinguindo o *uso* que as pessoas fazem de representações e seus comportamentos diante destas e estudando a *fabricação cultural* define dois tipos de produção no contexto capitalista. Uma é *racionalizada*, visa expandir-se, essa é produção capitalista no sentido material; a outra que se chama *consumo*, “é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível...” (CERTEAU: 1994: p.39) Citando um exemplo do segundo tipo de produção, *os usos* ou *maneiras de fazer*, Certeau aponta o caso dos indígenas na colonização espanhola que “submetidos e mesmo consentindo na dominação, muitas vezes esses indígenas faziam das ações rituais, representações ou leis que lhes eram impostas outras coisas que não aquelas que o conquistador julgava obter por elas.” (CERTEAU: 1994: p.41). Ele pensa *uso* no sentido de “reconhecer as ações que são a sua formalidade e sua inventividade próprias e que organizam em surdina o trabalho de formigas do consumo.” (CERTEAU: 1994: p.93).

Paula Faustino Sampaio

Partindo desta definição de Michel de Certeau (1994), pensamos que o uso que Antonio fez da regra ao mesmo tempo em que criou para si a possibilidade de escolher com quem dançar, foi uma forma sutil de quebrar a regra. Antonia, certamente, conhecia bem as regras de sociabilidade em uma festa o que lhe facultou usar tal de forma que pode tirar proveito satisfatório.

O trecho do relato de Antonia é emblemático no *corpus* documental aqui estudado. Trechos como este no qual percebemos burlas, quebra de regras, ações sub-reptícias por parte de uma mulher são encontrados a cada página demais entrevista. Além disso, podemos notar também algumas formas de relacionamento entre homens e mulheres em uma festa. Antonia naquela festa criou uma forma não conflituosa de se relacionar com seus possíveis namorados e conhecidos. No seu ideal de masculinidade um rapaz deveria saber dançar, conduzir uma moça pelos salões da Prefeitura ao som de valsa dolentes, talvez dizendo juras a meia voz... A jovem Antonia construiu um perfil de comportamento feminino em função das práticas dos rapazes daquela sociedade, assim, de modo relacional⁹, nas *artes de fazer* definiu em função do outro sua ação naquela noite.

Lurdes, Antonia, Hermínia e Severina são apenas quatro mulheres do nosso conjunto de entrevistadas. Só com o relato de uma delas seria possível escrever este artigo, tratando de vários outros aspectos das sociabilidades femininas nas festas de Ano Novo, Reis, Carnaval e outras festividades no mundo de Cabaceiras, pois “a narrativa de cada acontecimento é diversa ou conforme cada indivíduo se encontrasse numa ou noutra situação, ou de acordo com a sensibilidade e a experiência passada de cada um.” (QUEIROZ: 1998:p. 18). No entanto, escolhemos mostrar mais trechos de outros temas. Vamos ao segundo deles! Se estas mulheres foram a festas, de qual modo se vestiram? Como se produziram para tal?

TRAJANDO-SE PARA A FESTA

Perguntamos também a nossa conhecida Hermínia sobre os tecidos, ela nos cantou:

⁹ Sobre o conceito do gênero cf.: MATOS, Maria Izilda S. de. *Por uma História da mulher*. Bauru, SP: EDUSC, 2000. SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS; 20(2): p. 71-99, jul/dez. 1995.

Paula Faustino Sampaio

Era mais seda. Num era essa roupa grossa não. Nem era jeans. (...). Ave-Maria! Se uma moça saísse com uma calça dizia logo que era homem. Era tudo muito alinhado. As festas que a gente ia na Prefeitura todo mundo ia muito lorde^{SIC}. Sapato alto, salto bem fininho, Luis XV. As que num tinha condições de ir tinha os saltos mais grossinho^{SIC} um pouquinho, num sabe. As elegantes mesmo iam com aquele bem fininho. Num sei como segurava nos pés. Nunca andei com esses fininhos não, só as moças da elite que vinha da sociedade elevada. A gente era da sociedade, mais num era tão assim. A gente tem que viver num ambiente que tudo se renove. A gente não vivia num ambiente que fosse renovado. Só quando vinham as festas que vinha aquele povo elegante é que o pessoal foi se fazendo também. Procurar onde compra aquelas; aqueles sapatos; aqueles vestidos. E só o povo tudo no mundo era Campina, como ainda é. A cidade pequena só se dirigia pra Campina. Pra comprar roupas finas, sapato. Antigamente aqui não existia essas coisas. Cada uma que comprasse suas coisas em Campina. Ai foi que foi se modernizando.¹⁰

Este fragmento é emblemático, pois contém nomes de tecidos e de sapatos entremeados a interessantíssimos comentários sobre tipo de roupa feminina, concepção de elegância, condição social e, especialmente, sobre formas de buscar o novo, o moderno e o diferente. Segundo o historiador Antonio Torres Montenegro,

“O depoimento traz a possibilidade de um resgate descritivo, analítico de um momento ou de um processo, por outro as informações cognominadas de autobiográficas vêm fornecer maiores elementos que ajudem a compor um amplo quadro de razões de informações, de associações do depoimento registrado” (MONTENEGRO: 1994: p. 21.)

Deste modo, os relatos orais de memória podem ser explorados em uma história sobre os modos de produzir-se para as festas.

Em mais um fragmento da entrevista com Hermínia percebemos alguns *usos* que algumas mulheres poderiam ter feito dos calçados e roupas. Estes usos podiam distingui-las socialmente; uma mulher, dependendo de como se arrumava ou produzia, podia tornar-se referência de novo, de moderno, de elegante, de belo, pois, as festas, além de momentos de diversão, também, eram momentos de percepção das formas de vestir; era ocasião para mostrar e ver novidades no vestuário. Também podemos vislumbrar se a forma como estava vestida uma mulher desencadeava ou não namoros; inveja e ciúmes; se ela era padrão de moda a ser seguido; se proporcionava conversas com pessoas de outras condições sociais e de outras idades. O baile na Prefeitura era uma das festas em que iam pessoas elegantes. Mesmo

¹⁰ Entrevista n° 5 com Herminia de Almeida Castro concedida à autora dia 17 de maio de 2003.

Paula Faustino Sampaio

que cada uma fosse elegante a seu modo, havia uma certa concepção de elegância, de belo, de novo que pautava um baile grã-fino na Prefeitura da Cabaceiras naqueles anos.

Hermínia ressalta também a diferença entre as roupas para homens e para mulheres. Segundo a historiadora Claudia Bonadio (2000), pensando o modo de vestir e os espaços de moda em São Paulo na primeira metade do século XX, o século XIX, especialmente na Europa, se diferenciava os sexos por meio da indumentária. Naquele momento, os tecidos, as cores e as formas das roupas constituíam-se em elementos importantes na composição dos vestuários de homens e mulheres. Já no começo do século XX no Brasil, particularmente nas grandes cidades, a exemplo de São Paulo, divulgava-se com alarde pela imprensa as mudanças no vestuário feminino, que, para alguns críticos mais ferozes, contribuía para corrosão da ordem social. Entre estas mudanças, estavam as alterações na moda feminina, na qual comprimento, desenhos, cores e acessórios passavam por modificações.

Para Claudia Bonadio (2000),

“as roupas e os acessórios não são os únicos objetos pertencentes ao “conjunto moda”, mas é através destes que a moda percorre mais rapidamente seu percurso, bastando que um indivíduo vista uma roupa para “pertencer” a um determinado grupo social, identificar-se com ele, ser identificado como “igual” pelos seus membros, ao menos no que diz respeito à aparência.” (BONADIO: 2000: p. 21)

Deste modo, a roupa contribuía para definir o lugar social de uma mulher e, acrescido a isso, o uso da roupa podia também definir se a mulher estava ou não elegante e, assim como influenciar nas relações na festa. No relato de Hermínia, uma mulher vestida com calças na cidade de Cabaceiras poderia ser motivo de inquietação. A partir disso, começamos a pensar sobre a importância da roupa na definição dos papéis na sociedade cabaceirense nas décadas de 1930 e 1940, uma vez que roupas de homens e mulheres no começo do século XX eram motivos de debate acalorados na imprensa das capitais.

Para o historiador Durval Muniz Albuquerque Jr.(2003), naquele momento também na cidade do Recife, alguns críticos do comportamento bradavam nos jornais pernambucanos que não se conseguia distinguir nas ruas recifenses homens de mulheres, estas perdendo seu encanto “natural” ao querer igualar-se aos homens até nas vestimentas.

Diante destas discussões na imprensa das grandes cidades, enfocadas pela historiografia brasileira nos últimos anos, podemos visualizar o quanto os modos de vestir-se

das mulheres chamavam atenção no começo do século XX nas cidades. Tendo em vista estas discussões, mais a diferenciação das roupas em função do sexo biológico e do modelo de comportamento desejado e os desdobramentos de possíveis inversões no modo de vestir, podemos trazer para cena histórica discussões em torno do vestuário no cotidiano de algumas mulheres de Cabaceiras.

Podemos ressaltar ainda que os *usos* feitos dos calçados e das roupas em uma festa podiam distinguir a condição social de uma moça. A maneira como usavam toda indumentária, a forma de andar com calçados de salto fino, a elegância no andar, o mostrar dos pés e de parte da perna ao sentar, o tipo de calçado poderia chamar atenção dada a delicadeza ou extravagância dos movimentos. Possivelmente, uma moça que usasse de forma elegante, discreta, recatada, sutil os sapatos se destacava das demais e isso podia ser uma forma de lhe proporcionar outras relações, de conquistar mais rapazes para dançar, de se diferenciar socialmente das demais, de tornar-se referência de moda.

Além de fragmentos como o anterior, temos um trecho singular da entrevista com Josefa Guimarães, 78 anos, solteira, ex-inspetora, moradora do núcleo urbano, no qual podemos notar outros aspectos do universo desta mulher. Indagada sobre perfumes, ela nos contou:

Usava e bom. (riso) Usava. Eu mesma usava muito. Quando eu era... Depois que eu tinha de vinte anos eu usava muita colônia boa. (pausa). Tinha um rapaz aqui que dizia: a gente passa por aquela moça, Josefa Quilidoro, é um cheiro que a gente só falta cair. (riso) Usava e era exagerada nos perfumes. Gostava. Só usava muito. *Mas isso é imbecilidade da pessoa botar muito perfume.* (riso). Tamarati e deixa eu^{sic} ver que estou muito esquecida. (...). Toda vida desde idade de 15 anos fazia até as unhas, unhas das moças aqui. Um bocado. Fazia as unhas, fazia as sobancelhas de Marieta, de Nenê, um bocado. (pausa) As minhas eram(sic) grande pintadas direto. Quando tirava já estava botando outro. Tudo descarnadinhos^{sic}, tudo ajeitadinho. Eu era muito vaidosa quando era nova. Só andava arrumada. (...). Eu gostava de andar bem arrumada. Toda vida maquiada, cabelo ondulado. Era vaidade, moda. A gente ia tudo pra Campina ondular o cabelo em Madame Áurea. Quando o cabelo descia a ondulação ficava bem bonito... Fazia penteado. (pausa) e depois quando já tava estirando, que estira. Cabelo ondulado chega o tempo de ficar de... Até com as pontas estragadas. Ai a gente ia ondular de novo. (pausa) Meu cabelo toda vida foi estirado. Quando não era ondulado.

11

¹¹ Entrevista n°19 com Josefa Guimarães de Aguiar concedida à autora dia 16 de agosto de 2003.

A maneira de *usar* o perfume podia chamar atenção das pessoas, especialmente se o uso fosse extravagante para os padrões daquela sociedade, se fosse não condizente com o ideal de discrição pensado para uma jovem de vinte poucos anos como Josefa. Só que a jovem Josefa gostava de andar arrumada e era vaidosa e desrespeita os limites do recato, discrição e sutileza pensado como algo próprio às mulheres ao utilizar os produtos de beleza de forma exagerada. Pela forma como usou o perfume Josefa ficou exposta aos comentários de uma sociedade vigilante do recato, da sutileza, da descrição feminina.

Na produção de Josefa, as unhas ganharam atenção especial. Possivelmente, com idade de 15 anos, uma moça podia começar a cuidar das unhas e usar esmalte. O cuidado com as unhas, não necessariamente por ocasião de festa, fazia parte do cotidiano de uma jovem de Cabaceiras, o que nos possibilita perguntar como era isso para outras jovens e como conseguiam esmaltes, alicates, lixas e todo material para se cuidar das unhas.

Um outro aspecto perceptível é a arrumação dos cabelos. No entender da historiadora Michelle Perrot (2007), os cabelos são símbolo de feminilidade. Símbolo que sintetiza sensualidade e sedução, atraindo o desejo; por vezes nas pinturas, a exemplo da Renascentista, se sugere por meio do cabelo a proximidade da natureza, da animalidade, do sexo e do pecado. No século XIX, “há uma erotização dos cabelos das mulheres” em um jogo de esconder/mostrar, que fortalece o erotismo feminino. Para cuidar dos cabelos, algumas cabaceirenses se deslocavam até Campina Grande para ondular, pentear e alisar seus cabelos com Madame Áurea.

Encontramos também relatos sobre objetos pertencentes ao conjunto da moda; nomes de tecidos como: voil, cretone, chita, alpalina, fustão, seda, etc. e descrições destes, aliadas a percepção da condição social, do belo, do exagerado; sobre sutiã e anáguas; diferentes relatos sobre maquiagem com destaque para improvisações; vários nomes de sabonete, perfume; histórias sobre arrumação de cabelos, entre outras coisas. Sendo assim, estes elementos possibilitam construir uma história das mulheres enfocando os modos de vestir e os elementos usados na produção, uma vez que, “uma mulher inscreve as circunstâncias de sua vida nos vestidos que ela usa, seus amores nas cores de uma echarpe ou na forma de um chapéu. (...). A memória das mulheres é trajada. A vestimenta é a sua segunda pele, a única da qual se ousa falar, ou ao menos sonhar.” (PERROT: 1995:p. 14). Deste modo, com a utilização desta documentação podemos perceber as relações estabelecidas pelas mulheres com o vestuário e os acessórios de festa e das sociabilidades nas festas.

A partir desta informação, podemos a inquirir sobre como se davam os deslocamentos de uma mulher para arrumar seus cabelos e “outras arrumações”¹², quais relações que elas estabeleciam nestes momentos fora da cidade e por que depois de passado tanto anos Josefa escolheu contar sobre estes aspectos da sua juventude. Sobre esta última, pensamos que a deterioridade física e a nostalgia da velhice não permitiram apagar, esquecer, destruir lembranças da juventude. Josefa nos contou “a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagada definitivamente” (GAGNEBIN: 2006. p.44) na tensão em que a memória vive entre a presença e a ausência do passado. E, segundo o historiador Alessandro Portelli (1998), a *materialidade* da memória dá-se nas reminiscências e nos discursos individuais, no nosso caso, nos relatos orais de memória, que transformados em documento possibilitam lastro para percepção de formas de vestir-se e estar em uma festa de algumas mulheres de uma cidade do interior paraibano.

SÓ PRA NAMORAR

Outro assunto do nosso cotidiano que pode ser estudado a partir dos relatos orais de memória de mulheres é o namoro. As entrevistadas, em sua maioria, se detiveram sobre o assunto namoro nos proporcionando produzir uma documentação extensa e pensar no âmbito da história das mulheres os namoros de algumas mulheres interioranas.

O relato de Filomena, 77 anos, casada, dona de casa, moradora do núcleo rural é emblemático para percebermos, entre outras questões, o quanto os relacionamentos amorosos marcaram, de diferentes formas, a memória das mulheres entrevistadas. Perguntando sobre como arrumar namorado e namorar ela nos cantou:

Eu mesmo arrumei esse dali... Ele conversava muito com meu pai e eu sentada no banco só assistindo. Eu sentada como aqui e ele como ali do outro lado. Eu só assistindo a conversa dele. (...) Quando foi se casando as irmãs mais velhas que a gente ficava, ficaram as mais novas ai eu ia... A gente ia pra sala. Mamãe dizia: está bom de cuidar na janta. Nesse tempo não chamava janta não, era ceia, ia botar a ceia. Estavam todos dois na sala. Quando sai pra jantar que a gente chegava e dizia pra mamãe: diga a papai que vá jantar que a janta está pronta. Ai ele ia, ai eu ficava na sala ninguém se encostava, se encostava assim perto um do outro não. (...). Uma vez que

¹² O termo (outras arrumações) está aqui empregado no sentido de fazer outras coisas e de manter outras relações como usualmente é empregado na região do cariri paraibano.

ele estava, eu estava sentada perto dele até debulhando feijão... Aí eu sentada de um lado assim e Antonio ficava desse lado, papai com a rede armada assim desse lado aí. Ai ele disse: Filomena num pode ficar pro lado de cá não? Pode? Foi a vergonha maior... Chega parece que eu esfriei. Aí eu fui passei pro lado...¹³

Na sala de casa, aproveitando alguns instantes em que o pai levantava-se para ir jantar e Antonio ficava na sala, Filomena se aproximava, mas não muito, pra trocar poucas palavras, olhar nos olhos e, talvez, ter as mãos de Antonio entre as suas. Ela sabia *usar* os momentos a seu favor para ficar mais próximo de Antonio; este na maior parte do tempo conversava com o pai de Filomena. E aproveitando que ambos estavam na sala debulhando feijão, Antonio surpreende Filomena ao pedir para ela sentar mais perto. E quanta emoção, quando do pedido de aproximação, entendido por Filomena como pedido de namoro.

Muitos dos elementos do trecho acima contribuem para reforçar uma das representações do namoro de antigamente que temos como ainda hoje. Sob os olhares vigilantes dos pais, Antonio primeiro conversou com pai dela, passou a freqüentar a casa, a fazer parte de uma atividade doméstica, debulhar feijão e a partilhar da refeição daquela família. Estas parecem ser regras para aproximação e possível namoro em Cabaceiras.

No entender do historiador Durval Muniz Albuquerque Jr. (2003), na sociedade recifense da primeira metade do século XX, por exemplo, nos discursos de Gilberto Freyre, a mulher através do casamento deveria preservar a instituição patriarcal. Mesmo nas grandes cidades do Nordeste que viviam experiências com ares ou discursos de modernidade e a industrialização de forma diferente do Sudeste podemos notar que os discursos se aproximam quando se trata de disciplinar a vida das mulheres, que saíam ou pretendiam sair dos recônditos do lar e experimentar outras relações.

Havia toda preocupação em torno do casamento e com o namoro, ambos alvos de observações e discussões. No nosso *corpus* documental, acompanhamos relatos de vivências de namoros e percebemos a sociedade cabaceirense discutindo sobre relações amorosas. Perguntamos a Inácia, 77 anos, casada, ex-professora, moradora do núcleo do rural, sobre o primeiro namorado, ela nos relatou:

¹³ Entrevista n° 29 com Filomena de Sousa Meira concedido à autora 03 de janeiro de 2005.

DE MEMÓRIA

Paula Faustino Sampaio

Parece que foi numa festa aqui de Natal, mas que só foi naquele dia de festa que durou. Só outra vez que tinha outra festa era que eu via. Mas que num usava ir na casa da gente. O rapaz só ia na casa visitar a moça na casa dos pais se ele tivesse boas intenções. (...) Então se ele não quisesse casar com aquela moça ou ela também não quisesse; só fosse namoro ele não visitava.

¹⁴

Neste fragmento há diferença entre namorar em uma festa e em casa. O namoro de festa podia ser só *namoro passageiro*, durava apenas uma festa. Este tipo de namoro é descrito em vários dos relatos. Trechos de relatos como este nos permitem pensar que os namoros passageiros não eram do conhecimento dos pais e para além da imagem que se tem dos namoros de antigamente, algumas mulheres vivenciaram namoro de outras formas. Neste trecho, o ir a casa dependia das “boas intenções do rapaz”, leia-se, da intenção de noivado e casamento tanto por parte dos rapazes quanto da parte das moças. Pensamos também que nem sempre uma jovem estava interessada em manter relações com fins ao casamento, às vezes podia querer namorar só na ocasião de uma festa, pois *namoro assim passageiro, não era coisa fixa não...*¹⁵ Deste modo, podemos afirmar a diferença entre namoros fixos em casa e namoros passageiros nas festas.

Como era um namoro passageiro numa festa? Perguntamos a Maria dos Santos, 85 anos, casada, dona de casa, moradora do núcleo rural, como eram os namoros na sua época de juventude, ela nos contou:

O povo também era namoro de jacaré. Só de vista. Namorava a quantidade que quisesse. Era muito; era muito. Só olhando. (...) Ninguém tinha esse negócio de sair com aquele rapaz. Começou as moças sair com os namorados em 1940 que eu sai com Severino e duas moças da Ribeira. Em quatro casais. Tudo tão acanhada, tão matuto, uma vergonha. Tinha vergonha demais. (...) só assim um passeiosinho^{sic} Eles ficaram sentados na calçada de seu Chico Estevão nós ficávamos naquele passeio só assim. Ficava olhando a festa, não é?(...) Os namorados, minha filha, tive diversos namorados, mas assim como diz... só em festa. Como diz o ditado um namoro passageiro.¹⁶

Entre recortes da memória e marcas do tempo presente ficavam registradas vivências de namoros. Algumas mulheres lançaram mão de outra forma de namorar, pois, possivelmente, em uma festa estavam reunidos os rapazes disponíveis e não disponíveis e

¹⁴ Entrevista n° 14 com Inácia de Farias Madureira concedida à autora no dia 05 de julho de 2003.

¹⁵ Entrevista n° 12 com Maria dos Santos Oliveira concedida à autora no dia 22 de junho de 2003.

¹⁶ Entrevista n° 12 com Maria dos Santos Oliveira concedida à autora no dia 22 de junho de 2003.

uma moça pudesse olhar em diversas direções, namorando só de vista, já que um olhar correspondido significava namorar. A troca de algumas piscadas de pálpebras e quem sabe um sorriso discreto indicava para aquelas moças uma relação afetiva, um namoro passageiro. Ao representar o namoro como passageiro, entrevemos a não necessidade de que todo flerte se tornasse sério e duradouro. Talvez uma jovem desejasse encontrar alguém para passar aquela noite de festa sob a luz da lua ou do motor, gerado de eletricidade, embalada pela canção orquestrada.

O antropólogo Thales de Azevedo (1986) estudando as regras do namoro do final do século XIX ao XX no Rio de Janeiro traz uma definição elaborada pelo cronista João do Rio para flerte. Na perspectiva de João do Rio e também de Azevedo, o “flerte é uma espécie de conquista amorosa sem amor, desejo de inspirar o amor, sem sentir. É um jogo, muitas vezes de invenção e iniciativa das mulheres, que se pratica, diz o cronista, nas grandes cidades e nas pequenas vilas de todo o mundo” (AZEVEDO: 1986: p. 24). Deste modo, o flerte e os modos de namorar, ou como nossas entrevistadas chamam “o namoro só de vista ou de jacaré”, era uma prática já percebida por cronistas, por antropólogos, mas que os historiadores não deram muita atenção e só recentemente com os estudos na perspectiva sócio-cultural este aspecto da vida passou a ser estudado. Assim, por ventura, todo um mundo amoroso pouco explorado, e às vezes mudo da vida das mulheres do interior paraibano pode vir à tona por meio do trabalho do historiador, que tece sua trama histórica com fios encontrados nos relatos orais de memória de mulheres.¹ E nos últimos anos, com ampliação temática na História, permitindo que recentes ou antigos temas sejam estudados sob novos enfoques, o historiador pode revelar outros perfis e modos de *se fazer e ser mulher*, especialmente ao longo do século XX.

Perguntamos a Ignácia, 74 anos, solteira, dona de casa, moradora do núcleo rural, sobre namoros, e ela nos disse: *Era muito simples. Mas assim mesmo dentro do simples aparecia uma novidade*¹⁷. De forma discreta, ela insinua que nem sempre todas as moças se comportavam como diziam as regras morais e algumas puderam não se conformar em ficar só olhando para rapaz enamorado.

Sobre estas “novidades” nas relações amorosas, estas quebras de regra, burlar no namoro, podemos acompanhar o relato de Iracema, 74 anos, casada, dona de casa e agricultora, moradora do núcleo rural. Perguntamos a Iracema sobre as fugas de sua irmã

¹⁷Entrevistas n° 10 com Ignácia de Farias Cavalcante concedidas à autora dia 21 de junho de 2003.

Paula Faustino Sampaio

Roserima: “*Rosemira namorava Chiquinho e namorava Santo Moura escondido (...) Esperava a gente dormir e fugia pela janela. Ia estar mais ele.*”¹⁸ Já a Hermínia perguntamos sobre os namoros escondidos, e nos falou:

Eu tive um escondido. Era tão escondido, mas os meninos descobriram ai disseram a pai. Pai me deu uma pisa dessa de lascar o cano mesmo. Eu fiz que acabei o casamento [riso] e continuei e mandava bilheteinho. (...). Eu enterrava os bilhetes para não ser descoberto por pai nem mãe...¹⁹

Possivelmente, os namoros nem sempre davam-se dentro do que era estabelecido por diferentes agentes para relação entre mulher e homem. De forma bastante sutil, algumas mulheres burlaram normas do relacionamento com homens e em outros espaços, além da casa, sob formas discretas não deixaram de namorar, pois cedo se despertava nas moças o desejo pelo outro. É factível que por ter sido uma experiência oculta, envolvendo aventuras, tenha deixado marcas na memória desta entrevistada que nos falou com detalhes da relação mantida sobre segredo até o pai ficar sabendo.

Na perspectiva da historiadora Martha de Abreu Esteves (1989), nas cidades como Rio de Janeiro, além dos olhares vigilantes de pais e vizinhos havia os novos códigos de conduta estabelecidos pelo saber jurídico e médico-higienista que diziam os lugares, os horários, os comportamentos etc. próprios e impróprios para os namoros. Para esta historiadora, nos meios populares os namoros eram vivenciados de forma diferente da elite, pois as moças populares não dispunham da “parafernália” exigida pelo namoro pensado e idealizado pela elite e esta forma de relacionar-se não fazia sentido em suas vivências, não sendo um ideal a ser alcançado.

Deste modo, o ideal dizia que as moças casadoiras deveriam namorar em casa sob olhares vigilantes e zelosos dos pais, que deveriam zelar pela honra e virtude das filhas. No entender da historiadora Michelle Perrot (2007), especialmente com a difusão do cristianismo, o sexo das mulheres passou a ser entendido como algo a ser protegido, fechado e possuído. Dentro desta compreensão, a virgindade tornou um valor supremo para as mulheres e, principalmente, para as moças. Sendo a Virgem Maria o modelo e a protetora das virgens. Havia uma forma de controle colocada em funcionamento, tendo como intenção preservar a reputação e a honra da moças representada pela virgindade, bem supremo de troca no

¹⁸ Entrevista n°18 com Iracema Emerentina de Sousa Faustino concedida à autora no dia 16 de julho de 2003.

¹⁹ Entrevista n° 5 com Hermínia de Almeida Castro concedida à autora dia 17 de maio de 2003.

Paula Faustino Sampaio

matrimônio. E em Cabaceiras que não passava pelas mudanças percebidas no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, por exemplo, o controle das relações das mulheres dava-se pelos olhares de pais, irmãos, parentes e amigos atentos aos movimentos das moças e zelosos da moral familiar.

Deste modo, na documentação há também relatos de namoros interditos e escondidos, de traição, da vigilância dos pais e irmãos e de burlas. Algumas vivências de namoros marcaram algumas mulheres que guardaram nos recônditos de suas memórias lembranças de relacionamentos, em especial da troca de olhares, dos namoros em festas, dos passeios com o namorado e outros casais, dos namoros escondidos, da troca de bilhetes que eram enterrados, fugas pela janela. Há também relatos sobre outras formas de comunicação, namoros nos caminhos dos afazeres, beijos, pegarem nas mãos e conversas, como arrumar namorado, quais valores eram observados em um futuro namorado, mas, sobretudo, sobre os namoros que quebraram regras. Sendo assim, o historiador torna público também as astúcias percebidas nos estilhaços da memória dos passados destas e de outras mulheres, construindo uma história dos deferentes tipos de relacionamentos na Cabaceiras das décadas de 1930 e 1940.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Os temas anteriormente tratados e outros como: brincadeiras, canções, educação formal e informal, sexualidade, divertimentos, etc. podem ser explorados a partir dos relatos orais de memória. Também podemos discutir questões relativas à memória, à história e às fontes e à construção de material para pesquisa. Um debate recorrente quando se trata de trabalho com este tipo de material é a questão da temporalidade. Como definir a época, o momento de estudo a partir desta documentação? Não é trabalho fácil. Mesmo assim nas entrevistas encontramos várias marcas temporais que nos possibilitam perceber de quais momentos da vida se está falando. Nas décadas de 1930 e 1940, as entrevistadas eram adolescentes ou adultas recém-casadas. Datas de casamento, de nascimento de filhos, de morte, são referências que nos ajudam a definir aproximadamente o momento dos quais falam. Também encontramos referência a produtos como sabonetes, perfumes e tecidos, a acontecimentos históricos, a canções e todo um conjunto de pormenores temporais que contribui para definição do recorte temporal – 1930 e 1940.

Paula Faustino Sampaio

Para além dos importantes debates teórico-metodológicos que não devem faltar, neste tipo de análise, nos importou apresentar temas que podem ser tratados com documentos produzidos a partir dos relatos orais de memória. Acreditamos que os relatos orais nos permitam acesso a questões cotidianas que estavam guardadas e também nos possibilitam construir um farto e apreciável material para pesquisa. Mesmo que “a memória vai ficando fraca e a gente (...) só os pedacinhos que a gente vai recordando”²⁰, o historiador tem a possibilidade de tornar públicas memórias do âmbito familiar e construir uma história enfocando outros temas como festas, modas e namoros. Nos meandros da memória há muitas coisas que as pessoas nunca esqueceram, mesmo que lembrem “só os pedacinhos” e tenham sido contados para nós da mesma forma fragmentária, rearrumada, confusa, sub-reptícia, reestruturada, mas, sobretudo, como pontos de ancoragem da memória são ressaltados como momentos de prazer dentro de uma sociedade machista, conservadora, repressora e, por que não dizer, castradora da liberdade e da possibilidade de ser feliz.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. *Nordestino: Uma invenção do falo – Uma História do Gênero masculino*. Maceió: Catavento, 2003.

AZEVEDO, Thales. *Regras do namoro à antiga*. São Paulo. Ed. Ática. 1986.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. A operação historiográfica. In: *A escrita da história*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BONADIO, Maria Cláudia. *Moda: costurando mulher e espaço público*. Estudos sobre a sociabilidade feminina na cidade de São Paulo 1913-1929. Campinas: UNICAMP; 2000. Dissertação (Mestrado).

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1987.

²⁰ Sobre os novos olhares na história das mulheres Cf.: MATOS, Maria Izilda S. de. *Por uma história da mulher*. Bauru, SP: EDUSC. 2000. SAMARA, Eni Mesquita. O discurso e a construção da identidade de gênero na América Latina. In: *Gênero em Debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997.p.22.

Paula Faustino Sampaio

ESTEVES, Martha Abreu. *Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Leon Schaffter. 2. ed. São Paulo: Vértice, 1990.

MATOS, Maria Izilda S. de. *Por uma História da mulher*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

_____. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: *Gênero em Debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997.

MALUF, Mariana e MOTT, M^a Lúcia. “Recônditos do mundo feminino”. *História da Vida Privada no Brasil*. Da Belle Époque à Era do Rádio. Vol. 3. São Paulo: Campanha das Letras, 1998.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História e memória: a cultura popular revisitada*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.

PERROT, Michelle. “A força da memória e da pesquisa histórica” Entrevista a Denise Bernussi de Sant’ Anna In: *Trabalhos da Memória*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC/SP. Nº 17. São Paulo: EDUC, 1998. Pp. 358 – 359.

_____. *As mulheres e os silêncios da História*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSP, 2005.

_____. *Minha história das mulheres*. Tradução Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PISCITELLI, Adriana. Tradição Oral, memória e gênero: um comentário metodológico. *Cadernos Pagu*. Campinas, SP, v.1, p. 149-171, out. 1993.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Orgs.) *Usos e abusos da história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, O. de M. (Org.). *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.

SAMARA, Eni Mesquita. O discurso e a construção da identidade de gênero na América Latina. In: *Gênero em Debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997.

FESTEJAR, VESTIR-SE E NAMORAR: UMA HISTÓRIA DAS MULHERES EM CABACEIRAS NAS DÉCADAS DE 1930 E 1940 A PARTIR DOS RELATOS ORAIS DE MEMÓRIA

Paula Faustino Sampaio

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS; 20(2): p. 71-99, jul/dez. 1995.

VOLDMAN, D. Definições e usos. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Orgs.) *Usos e abusos da história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. “Da escravidão à liberdade: dimensão de uma privacidade possível” In: *História da Vida Privada no Brasil*. Da Belle Époque à Era do Rádio. Vol. 3. São Paulo: Campanha das Letras, 1998.

Recebido em: 14/09/2007
Aprovado em: 22/11/2007